

“A primeira grande lição”

É a seguinte a íntegra do discurso do presidente Sarney na solenidade em homenagem aos inconfindentes, em São João Del Rey:

“Sr. governador do Estado de Minas Gerais, dr. Hélio Garcia, sra. Risoleta Neves, sr. presidente do Senado Federal, senador José Fragelli, sr. presidente em exercício da Câmara dos Deputados, deputado Humberto Souto, srs. ministros de Estado, sr. presidente da Assembléia Legislativa, srs. governadores, srs. senadores e deputados federais e estaduais, sr. prefeito de São João Del Rey, Cid Valério, srs. comandantes militares da área, sr. bispo diocesano, dom Antônio Mesquita, srs. vereadores, meus senhores e minha senhoras e demais autoridades.

Brasileiros de Minas Gerais, brasileiros de São João Del Rey. Antes de começar o meu discurso, duas palavras de agradecimento ao povo de São João Del Rey pela carinhosa e afetuosa acolhida com que me recebeu nesta ensolarada manhã das Minas Gerais. Agradecimento ao governador Hélio Garcia pela gentileza de convidar-me para presidir este ato. Ao sr. prefeito Cid Valério pelas palavras aqui proferidas. E um agradecimento muito especial à família Neves na pessoa de Aécio Neves que aqui foi seu intérprete. Aécio Neves que acompanhou com tanta ternura, com tanta amizade, com tanto carinho Tancredo Neves nos últimos anos de sua vida, assistindo nas alegrias, dando-lhe alegria e assistência. Aécio Neves que continua no seu talento de jovem a vocação política do seu avô e que tem prestado excelente colaboração à Nova República.

Meus compatriotas, há dias fortes da História.

Dias que flutuam na eternidade como marcas indelévels no destino dos povos. Esta data, 21 de abril, é um instante de glória na permanência da nacionalidade.

Ele se renova no tempo, a iluminar os mesmos valores que são os valores transcendentais do homem: a liberdade e a busca pelo bem comum.

A morte de Tancredo Neves, quase 200 anos depois, nesta mesma data, o seu corpo repousando no mesmo chão onde Tiradentes abriu os olhos para a vida, junta os dois tempos num só tempo, estuário onde os brasileiros recorrem à invocação dos exemplos, para guia e farol das gerações presentes e gerações futuras.

Lembro a fria noite em que os sinos das catedrais de Minas guardavam o silêncio das horas amargas, para que Tancredo Neves repousasse para sempre no solo sagrado de São João Del Rey.

O corpo repartido de Tiradentes arde até hoje, exposto nas estradas do tempo, sangrando para que a liberdade seja lembrada todos os dias, todas as horas, todos os instantes; convidando à vigilância e ao testemunho. Liberdade que assegure a cada brasileiro comer, educar-se, habitar, vestir-se, desfrutar dos sabores, ter direito à felicidade, ao trabalho, a viver com dignidade, a não ter medo, a questionar, a invocar a Deus, não ser discriminado pela cor, pela condição social, pela idade e pelas convicções.

A liberdade dos inconfindentes foi a primeira vela. O seu clamor de Justiça é o nosso clamor, a sua luta pela igualdade é a luta de todos nós, porque é um legado indestrutível da Nação.

O nosso compromisso com os ideais permanentes do País se renova a cada dia. E este é o sentido da Inconfidência, que revive nas gerações que se sucedem e se sucede na luta das gerações. As nossas conquistas são os sonhos materializados dos nossos mártires.

O réu declarado infame é o patrono da Nação. As suas práticas, as práticas da liberdade. O seu exemplo, a aspiração que nos anima. Aqui por onde pregou, no seu ‘sonho enlouquecido de herói’, como lembrou o impercível Tancredo Neves, como ele combatente da liberdade, ecoou a voz que se expandiu e conquistou.

Tiradentes sonhou e quis a liberdade da Nação, Tancredo fez a liberdade do povo. Tiradentes, a futura independência, Tancredo, os mo-



Ilustração Robson Azevedo

mentos de um novo tempo da República. Liberdade do País e liberdade do povo se completam e se nutrem mutuamente.

Ouçou o tempo no lugar em que estou e penso. Os séculos se juntam nos destinos de uma Nação que se guia à sombra, vida e morte de dois homens que percorreram caminhos semelhantes, sinais traçados com os mistérios da mão de Deus.

Tiradentes não desembocou no êxito e na vitória. Alferes, homem do povo, resumia seu destino na gloriosa despedida: “Adeus, que trabalhar vou para todos”. Outra coisa não foi a sua trajetória e não é a trajetória da vida pública, trabalhar para todos.

A Inconfidência de 1789 foi sendo feita realidade em 1822 apenas porque alguns ousaram sonhar. Homens e mulheres generosos destas Minas Gerais, cujas riquezas iam mover o carro de outra História.

Homens e mulheres que vivem hoje no coração de cada um de nós, brasileiros, com os olhos de interrogação a ver o cadafalso como recompensa, pela ousadia de poder sonhar.

Homens como Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, inconfindentes inspirados e secundados por mulheres, as mulheres da Independência, quase esquecidas, hoje vivas na poesia atrás de nomes delicados de pastoras: Nise, Marília, Ifigênia, Anarda, Isabel, Juliana, Bárbara Heliodora e nas mulheres da Nova República, em dona Risoleta Neves.

Aquele tempo é o início da nossa História independente nestas serras cheias de recordação, nestas cidades de muros venerandos e em todo o Brasil. É o primeiro lampejo de consciência da condição colonial do Brasil, da necessidade da mudança, da possibilidade de passar de uma etapa para outra etapa. É a primeira grande abertura de inteligência brasileira às idéias do mundo, a primeira abertura ao saber universal. É a primeira grande rebeldia contra a tutela imposta, contra o despotismo irredutível. A primeira grande lição da nossa História, que o povo brasileiro aprendeu para sempre.

Minas Gerais tem passado. Esta porção da Pátria, berço do Brasil, nascedouro da liberdade, jamais se curvou. E foi na luta contra a tirania que aprendeu que a liberdade não é uma dádiva, mas uma conquista diária, uma luta que custa um grande

sofrimento. O valor da liberdade é o preço que se pagou para obtê-la, e o uso que dela se faz.

Terra de inconfindentes, Minas não parou sua tradição de oferecer ao País outros homens que conduzissem sua história, armados das virtudes mais caras a esta gente: o espírito empreendedor, a retidão, a conciliação e a prudência, que transformam esforço em coragem e destemor em sabedoria. E o dever da intransigente rebeldia nas horas necessárias numa grande paz.

Síntese geográfica do Brasil, com suas serras e campos aguados pelos vales férteis por onde correu o povoamento, com seu cerrado e seu sertão, Minas é uma imagem forte do Brasil, transposta com gênio à literatura, dos arcades e Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos, o Moço e tantos outros.

É a esta terra grandiosa, que traz orgulho a todos os brasileiros, e ao seu povo valoroso que rendo minha homenagem, nesta data maior da nacionalidade.

Povo de São João del Rey
O vento soprou as flores que há um ano colocamos sobre o mármore que veio cobrir o sono eterno de Tancredo Neves. O tempo secou as nossas lágrimas, que foram saudade e inspiração para os dias difíceis que se seguiram ao seu desaparecimento.

Essa saudade e essa inspiração trouxeram-me ao lado do túmulo do fundador da esperança e do pai da conciliação do Brasil moderno.

Sei que Tancredo levou, para a sua vida pública, os exemplos bebidos na crônica de coragem e honradez que o povo são-joanense vem construindo há três séculos.

Nenhum homem nasce grande de um povo que seja pequeno, ninguém se eleva aos patamares mais altos da nacionalidade senão com o impulso tomado em seu próprio torrão natal, com a tempera forjada ao murmúrio dos pátrios rios, e aqui nas águas do rio das Mortes.

Meus compatriotas
Disse Tancredo Neves: ‘Não nos dispersemos’.

E nós não nos disperamos. Estamos todos aqui: unidos ao povo brasileiro no sonho, na coragem, na identidade de propósito, no bom combate.

Na evocação da liberdade, e na louvação de Minas.
Honra a Tiradentes, glória a Tancredo. Muito obrigado”.